

TRANSDISCIPLINARIDADE ENTRE LITERATURA E BIOLOGIA EM *MOBY DICK*, DE HERMAN MELVILLE

Mirna Leisi Coelho Lopes

*"I am the master of my fate
I am the captain of my soul"*
Moby Dick- Herman Melville

RESUMO[®]

O objetivo desse trabalho é mostrar uma das maneiras pelas quais o texto literário pode ser usado como veículo de informações e valores e, a partir dele, propiciar o trabalho em outras áreas do conhecimento. Propõe-se aqui fazer uma aproximação de saberes entre Literatura e Biologia, tomando-se como objeto o capítulo 32 - escolhido por seu caráter descritivo (sistemático) - do romance *Moby Dick*, do escritor norte-americano Herman Melville, uma obra predominantemente simbólica, mas que funciona plenamente no campo referencial, devido ao seu caráter simbólico.

PALAVRAS-CHAVE: transdisciplinaridade, literatura, biologia

INTRODUÇÃO

A transdisciplinaridade tem-se tornado uma questão em voga nos debates sobre educação. É uma preocupação que parece adequada, especialmente em um contexto educacional que oferece saberes fragmentados¹. Nessas circunstâncias, é desejável uma tentativa de restabelecer articulações entre unidades independentes, passando para um sistema de relações complexas, interligadas, no qual o conhecimento adquirido em uma área específica possa ser transferido para outras. A possibilidade de religar saberes distintos como Literatura e Biologia torna-se possível através do uso de um mesmo suporte material - o texto literário -, apresentado sob um enfoque diferente através da literatura, o que propiciaria a demonstração da multiplicidade de olhares

possíveis que se pode lançar sobre o texto. Não se pretende com esse trabalho reduzir o texto literário (o capítulo 32 de *Moby Dick*) a um duplo de um tratado de biologia, ou a um relato de viagem, desconsiderando a totalidade da obra, bem como a amplitude simbólica a ela atribuída - embora, em uma primeira instância, o romance possa se constituir como um relato pessoal do marujo Ismael em sua jornada no Pequod.

1 Uma breve visada sobre a "função" da Literatura

Diante da fragmentação no campo do conhecimento, Edgar Morin, sociólogo francês, destaca a necessidade de uma religação de saberes distintos e propõe um projeto de curso transdisciplinar, considerando as possibilidades da Literatura como veículo adequado para atingir esse objetivo. No Brasil, Nelly Novaes Coelho², a partir da perspectiva de Edgar Morin, também propõe um projeto centrado no uso do texto literário como veículo privilegiado de conhecimento. De acordo com ela, é importante identificar a Literatura não apenas como um produto artístico, isto é, uma criação da imaginação humana, e que, portanto, deve ser considerado como um meio de fruição ou lazer, mas também identificar na Literatura a possibilidade de representar, recriar o "real" problematizando-o. Desse modo, a Literatura passa a ser uma espécie de encruzilhada pela qual passam e se inter cruzam os caminhos que formam o mapa da sociedade. Em função dessa propriedade, a Literatura pode se tornar a ponta de eixo para uma nova estrutura de ensino transdisciplinar.

De fato, a Literatura atua de modo profundo e essencial ao dar forma e divulgar os valores culturais que tornam uma sociedade realmente dinâmica. Durante muito tempo a Literatura serviu como principal veículo para transmissão de valores de base. Um exemplo disso foi a Grécia antiga: lá a Literatura possuía um valor “pedagógico”. Tanto a **Ilíada** como a **Odisséia** foram transmitidas de forma oral, até serem, por fim, assentadas por escrito.

2 Situando o autor de *Moby Dick*

Herman Melville (1819-1891), romancista norte-americano e uma das principais figuras da História da Literatura, nasceu em Nova York no dia 1º de agosto de 1819 e morreu nessa mesma cidade a 28 de setembro de 1891.

Em 1839, começa a trabalhar em um navio mercante norte-americano, o *St. Lawrence*, numa viagem de ida e volta ao porto de Liverpool, na Inglaterra. Em 1841, Melville faz-se marinheiro em um navio baleeiro de New Bedford.

Em 1850, Melville transfere-se para Pittsfield, no estado de Massachusetts. Nessa época, ele conhece o grande escritor norte-americano Nathaniel Hawthorne, autor de **A Letra Escarlate**, cuja amizade lhe serviu como fonte de encorajamento. Em 1851, Melville, que tinha em torno de 32 anos, publicou seu mais importante livro – **Moby Dick** - que foi dedicado ao amigo Hawthorne. No entanto, o livro não foi bem recebido na Nova Inglaterra, que preferiu desconhecê-lo, tornando-se relativamente um fracasso.

Após o sucesso inicial – 1846, com **Taipei – Paraíso dos Canibais** - Melville afundou na obscuridade como escritor e, mesmo quando lembrado, foi mais como autor de seus primeiros livros do que como criador de **Moby Dick**. Somente por ocasião da primeira grande guerra – 1914-1918 - a obra Herman Melville foi redescoberta em todo o seu esplendor.

Além de sua obra-prima, o romance **Moby Dick** (1851), Melville publicou, entre outros, o já mencionado **Taipei – Paraíso dos Canibais** (1846), **Omu** (1847), além de **Mardi** (1849), **Redburn** (1849), **Israel Potter** (1855) e

O vigarista (1857). Em 1891, completou o romance **Billy Budd**, publicado postumamente, em 1924. Ainda digna de nota foi a publicação do livro **Contos de Piazza** (1856), no qual encontram-se alguns de seus melhores contos, especialmente **O escriturário**ⁱⁱⁱ.

3 O Essex- acontecimento real

O romance de Melville parece ter sido inspirado em um acontecimento real. Em 1819 - 1820, o baleeiro Essex travou uma luta fatal com cachalotes sanguinários. No dia 20 de novembro de 1820, no Pacífico Norte, próximo à linha do Equador, o navio foi abalroado por um cachalote enfurecido que golpeou o barco com a cabeça. Choques entre baleias e navios não eram fatos inéditos na história da caça marítima: alguns navios já se haviam chocado com cachalotes, especialmente no Oceano Pacífico.

No entanto, o evento envolvendo o Essex tornou-se único, justamente pela forma como ocorreu. Segundo a narração de Owen Chase, um dos poucos sobreviventes do naufrágio, enquanto os homens perseguiam e atingiam em botes um grupo de baleias, uma dessas passou a nadar a alguns metros do navio. De repente, como se fosse dotada de um ódio humano, atingiu o lado esquerdo da embarcação com a cabeça, recuou e, em seguida voltou a atingir o barco, depois sumiu no mar. Passaram-se 10 minutos e o Essex afundou. Os marujos do Essex reuniram o que puderam em três botes e navegaram durante 3 meses, em uma região remota do Oceano Pacífico, percorrendo milhas em mar aberto. A escassez de água e comida os submeteu aos horrores da fome e da sede - inanição e desidratação-, da doença e da loucura, levando-os aos extremos da morte e do canibalismo. Os únicos sobreviventes, quando encontrados, após quase quatro meses no mar, estavam chupando e roendo os ossos de seus colegas mortos^{iv}.

4 A obra e seu aspecto simbólico – uma breve síntese

A história contada em **Moby Dick** é simples: o moço Ismael (narrador da história), vai de New Bedford para Nantucket e engaja-se como marujo num navio baleeiro, o Pequod. O comandante do Pequod é o capitão Acab.

No início da narração fica-se sabendo que o velho capitão Acab teve a perna arrancada por um cachalote branco e que esse combate estigmatizou-o também noutro sentido: sua vida será inteiramente devotada à “vingança insaciável e soberana”. Na noite de Natal, a tripulação é embarcada. O capitão Acab obtém de todos o juramento de que se dedicarão sem tréguas à eliminação do cachalote branco. Após uma procura dramática, os inimigos se encontram, e travam uma grande luta durante três dias. No fim, a baleia branca, terrível e “incólume” na sua satânica invencibilidade, sai triunfante. Todos morrem, à exceção de Ismael, que é socorrido por outro barco baleeiro, o Rachel, e posteriormente narra a história^v.

Assim, tem-se uma história simples, mas que está cheia de simbologia. Assim, o aspecto simbólico torna-se fundamental para se entender o romance de Herman Melville. Desconsiderá-lo significa a mesma falha dos contemporâneos de Melville, os quais não foram capazes de fruir o sentido do romance.

Parece que ao escrever essa aventura no mar, a intenção de Melville foi pôr em símbolos o eterno conflito entre o homem e seu destino - a baleia representando o mal infinito do universo e Acab a vontade do homem que se opõe a essas forças. Essa dicotomia *bem / mal* faz parte da tradição da Literatura norte-americana, que sofreu influências diretas de uma sociedade puritana, extremamente pudica e materialista.

Nesse contexto, parece que o homem se torna – ou é - um indivíduo em quem o mal e o bem são como duas faces que, ao mesmo tempo, se opõem e se integram.

E é justamente essa dualidade que Melville parece querer indicar. De acordo com Flávio Loureiro Chaves^{vi}, ao se analisar o conjunto da obra de Herman Melville percebe-se que ela tende a revelar a onipresença do mal, signo da existência. E onde quer que se localize a origem desse mal, em *Moby Dick* ou em Acab, os dois pólos do universo mantêm-se em inesgotável tensão dramática.

De fato, o romance está cheio de elementos simbólicos - os nomes remetendo à Bíblia e à cultura puritana norte-americana; a

baleia branca, que evoca toda uma carga de valores em torno do branco; a obstinação “monomaniaca” de Acab; o próprio Pequod; a viagem, um motivo presente na tradição ocidental a partir da **Odisséia** - elementos aparentemente dispersos mas que, de fato, parecem convergir na expressão de um drama.

Dentro dessa tensão dramática, a baleia *Moby Dick* possui uma grandeza própria, que não careceria de símbolos para se impor. Ela é, “na sua impiedosa ferocidade”, uma coisa em si - talvez o mal, talvez simplesmente o reflexo do mal que lhe é imposto, quer por Acab, quer por outros caçadores de baleia.

Moby Dick apresenta um tema complexo: a narração está expressa em signos reais - o navio, a viagem, o mar, a baleia. Porém a sua real significação reside no plano transliteral. O tema de **Moby Dick** parece não ser a viagem, mas o mal. Um mal onipresente, que domina e que, aos poucos, vai invadindo tudo e todos no Pequod, o que provoca um certo estranhamento na figura do próprio narrador Ismael:

Eu, Ismael, fazia parte dessa tripulação; meus gritos haviam subido com os demais; meu juramento somara-se aos deles; e mais forte ergui meus brados, e mais firmemente martelei meu juramento por estar com a alma aterrorizada. **Um sentimento bravio, misterioso, solidário me tomava; a inextinguível animosidade de Acab parecia minha.** Com ouvidos ávidos aprendi a história daquele monstro assassino. Contra o qual eu e todos os outros havíamos jurado violência e vingança^{vii}.

O ódio de Acab passa a ser o ódio de todos; o desejo monomaniaco de vingança passa a ser coletivo, como se todos no Pequod também tivessem sido estigmatizados de alguma maneira pela figura da baleia branca. Sobretudo esses acontecimentos no Pequod geram no narrador Ismael profundas indagações que ele não parece ser capaz de responder.

5 A figura do narrador em *Moby Dick*

Nada em **Moby Dick** é gratuito, tudo tem um sentido. O livro é dividido em 135 capítulos – sistematicamente nomeados com subtítulos específicos.

A fala de Ismael estabelece um contexto preciso e uma seqüência de fatos. Ele faz as escolhas de linguagem e cria a ambientação necessária para o desenrolar do romance, assumindo em diferentes momentos da narração distintas perspectivas e instâncias narrativas.

Ismael é ao mesmo tempo personagem e testemunha dos acontecimentos no Pequod. Ele possui um ângulo de visão limitado, como quem narra da periferia todos os acontecimentos a partir de impressões, hipóteses ou utilizando informações ouvidas de outros. Desse modo, sintetiza a narração e apresenta cenas como as vê. Assim, ao desenhar as cenas, o narrador expressa seu grau de limitação diante da história que conta:

Tal tripulação parecia apanhada e reunida, por alguma fatalidade infernal, para auxiliar Acab em sua vingança monomaniaca. Como é que eles tão abundantemente correspondiam à ira do velho – por que negra magia suas almas estavam possuídas, a ponto de por vezes a raiva de Acab quase parecer a deles e o Cachalote Branco inimigo tão intolerável de um como de todos –, **como isso veio a ocorrer, o que o Cachalote Branco significava para eles, ou como, a seu juízo inconsciente, Moby Dick também poderia parecer, de algum modo obscuro e insuspeitado, o grande demônio deslizante dos mares da vida: para explicar tudo isso, seria necessário mergulhar mais fundo do que o pode Ismael**^{viii}.

Além disso, o narrador Ismael interrompe constantemente a narração fazendo longas observações sobre a ciência náutica, a anatomia das baleias, detalhes de sua captura e de desoladas paisagens marítimas. São essas constantes interrupções que nos fornecem o suporte para o pensar transdisciplinar. É especialmente no capítulo 32, capítulo escolhido para nossa análise, que se pode observar uma espécie de sistematização descritiva acerca de baleias, na qual o narrador assume diferentes funções narrativas. De fato, as funções do narrador são fundamentais em uma análise de narração pois, em qualquer narrativa, o narrador, pelo fato de contar, assume pelo menos duas funções básicas, a saber, a “função narrativa”, na qual o narrador conta e evoca um mundo, e a “função de direção ou de controle”, na qual organiza a narrativa, inserindo descrições e falas^{ix}. De forma que nos interessa

saber quais funções narrativas Ismael assume no capítulo 32 e como essas, embora não comprometam o caráter literário do texto, aproximam-no do texto científico da biologia.

6 XXXII- Cetologia

Tema da biologia, ramo da zoologia, a cetologia é o estudo pormenorizado dos cetáceos. Genericamente pode ser considerado como o estudo das baleias. Também é o tema do capítulo 32 do livro de Herman Melville.

Melville dedica um capítulo, relativamente extenso, para falar sistematicamente, ou seja, cientificamente, sobre baleias. Na realidade, o capítulo parece ser um tratado sobre cetáceos, e o é, cheio de informações relevantes e que podem ajudar o leitor a entender alguns acontecimentos. Recupera-se nesse capítulo tudo, ou quase tudo, que se conhecia naquela época sobre o assunto. Os escritores bíblicos, especialmente o relato sobre Jonas (Livro de Jonas); alguns filósofos greco-latinos - Aristóteles e Plínio -; poetas e homens do mar, entre esses Owen Chase, um dos sobreviventes do naufrágio do baleeiro Essex, em 1820.

Esse relato sistemático sobre cetáceos, aproxima-se muito do discurso da biologia, que é pontual e descritivo. Embora possua diferenças marcantes, talvez a principal seja o fato de que, como discurso literário, apresenta uma instância ficcional, alguém que narra. Isso é o que Ives Reuter^x denomina função explicativa do narrador:

Já o navio foi lançado sobre o mar profundo; **logo** nos perderemos em suas imensidões sem praias nem enseadas. **Antes** que isso aconteça; **antes** que o casco algo do Pequod caminhe lado a lado com o exterior craquento do leviatã; este início destina-se apenas a atender uma questão quase **indispensável ao entendimento cabal e correto das mais particulares revelações e alusões leviatânicas, de todos os tipos, que se seguirão**. É uma explicação sistematizada da baleia, em suas principais espécies, que eu gostaria de apresentar aqui. Contudo a tarefa não é fácil. Ouvi o que dizem as melhores e mais recentes autoridades. [...] **meu objetivo é simplesmente esboçar uma sistematização cetológica**. Sou o arquiteto, não o construtor^{xi}.

As marcações temporais indicam uma progressão de eventos no processo narrativo. Assim, após demarcar esses possíveis eventos na seqüência narrativa, o narrador passa a utilizar uma série de descrições e explicações acerca dos cetáceos. Ele conduz a transposição para essas explicações e descrições que perpassarão o capítulo, e que fundamentam o papel explicativo que esse narrador passa a assumir a partir de então. Nesse capítulo, Ismael interrompe a narração para dar uma lição sobre baleias, expondo informações necessárias para que o leitor compreenda o curso do relato.

Dessa forma, torna-se interessante observar que o narrador explicita o motivo de se fazer uma explicação longa e sistemática sobre os cetáceos - fornecer um entendimento cabal e correto das mais particulares revelações e alusões leviatânicas -. Ao mesmo tempo, ele fornece informações, direciona e organiza a narrativa (o que é prerrogativa de um narrador) no sentido de alternar narração e descrição. Essas informações descritivas apresentadas pelo narrador permitem ao leitor entender certos acontecimentos narrados na seqüência da história.

No entanto, o próprio narrador se encarrega de esclarecer que sua sistematização é um sumário, não um compêndio de ciência biológica:

as várias espécies de baleias necessitam de algum tipo de **classificação ampla e popular**, mesmo que seja um sumário acessível, único no momento, a ser depois completado em todas as suas divisões por investigadores subseqüentes. [...] **Não aspiro a uma descrição anatômica minuciosa das várias espécies**, nem neste lugar pelo menos, a carregar em qualquer descrição^{xiii}.

Parece que essa classificação ampla e popular é fator relevante acerca do motivo de se usar recursos descritivos que tendem a ser objetivos e pontuais à moda do discurso científico. Essa objetividade é necessária, dentro do contexto da narração. No entanto, não há indício de que se pretenda com ela esboçar uma sistematização científica, no sentido de fazer ciência. O narrador utiliza esse recurso discursivo diferentemente do modo como o biólogo, o físico e o químico o fazem. A intenção não é ser minucioso, preciso, extremamente objetivo, mas, fornecer um

panorama geral que permita ao leitor entender certas referências a Moby Dick e ao seu poder. A baleia mitificada, satânica, personificada, tinha de ser um cachalote, pois esse era considerado na época, e o narrador mostra isso, o maior dos cetáceos:

Livro I - Fólio da Baleia- capítulo I - cachalote - Esta baleia, entre os Ingleses de outrora vagamente conhecida como o "trumpa whale", "physester whale" e "baleia de cabeça de bigorna" é o atual "cachalot" dos Franceses [...]. É, sem dúvida, **o maior animal do globo; a mais formidável, para enfrentar, de todas as baleias; a de aspecto mais majestoso; e, finalmente, sem comparação**, a mais valiosa para o comércio, pois é o único ser no qual se encontra essa valiosa substância que é o espermacete^{xiii}.

Essas descrições são fundamentais para a construção da personagem Moby Dick. Note-se que há uma mescla entre uma forte sistematização do discurso marcado pela divisão dos cetáceos em um catálogo, e pela valoração comercial que é atribuída ao cachalote. No entanto há, ao mesmo tempo, aquilo que parece ser uma descrição idealizada, mitificada do cachalote, o que corrobora a nítida intenção do narrador de estabelecer a partir da descrição dos cetáceos como grupo, o caráter sobrenatural desse monstro, o cachalote (muito do discurso da biologia, que é extremamente pontual e descritivo o maior entre eles)^{xiv}. Esse caráter sobrenatural é explorado pelo romance.

Essa mistura entre descrição objetiva e subjetiva não é, propriamente, uma característica do discurso científico. Isso pertence ao literário, é um recurso estilístico, um recurso desenvolvido pelos romancistas do século XIX. Não se pode esquecer que **Moby Dick** foi escrito no início da segunda metade do século XIX, no qual os romancistas assumiram um posicionamento ao narrar que primava pela sistematização e explicação didática, pormenorizada, de eventos fundamentais à compreensão da obra, inclusive utilizando notas de rodapé. Desse modo, o catálogo apresentado no capítulo 32 não rompe as convenções narrativas da época, na qual se observa a "transição" da visão do mundo romântica para a realista, analítica.

Outro aspecto que deve ser considerado é o fato de que o próprio narrador atribui a si

mesmo o *status* de leigo, quando afirma que há uma infinidade de seres marinhos “fugidios”, “semifabulosos”, os quais ele, como um simples baleeiro, conhece por “ouvir dizer, e não pessoalmente”. Portanto, em sua divisão cetológica, o narrador estabelece alguns critérios que, na verdade, não são critérios científicos.

O relato prossegue através de uma divisão das baleias, primeiro em termos de tamanho. O narrador divide a baleias em três LIVROS fundamentais:

- Livro I – Fólio da Baleia;
- Livro II- In-Octavo da Baleia;
- Livro III- In-Duodécimo da Baleia - baleias menores.

Estes estão subdivididos em CAPÍTULOS; depois há uma divisão, dentro dos próprios LIVROS.

No primeiro, o *Fólio*, encontram-se as baleias de grande porte: (1) O Cachalote (como vimos no exemplo acima); (2) A Baleia Verdadeira; (3) A Baleia de Barbatana Dorsal; (4) A Baleia de Corcova; (5) O Rorqual; (6) As Baleias de Barriga Cor de Enxofre.

No segundo livro, o *In-octavo*, são apresentadas as baleias de médio porte: (1) A Orca; (2) O Peixe-Preto; (3) O Narval; (4) A 2ª Orca; (5) A 3ª Orca.

Por fim, no terceiro livro, o *In-duodécimo*, tem-se as baleias de menor porte, as quais são: (1) Marsopa Hurra, (2) Marsopa Argelina, (3) Marsopa de Boca Enfarinhada.

Essa sistematização é muito simples; o narrador nem mesmo se preocupa em utilizar ou atribuir nomes científicos – nomes esses que aparecem em qualquer compêndio ou catálogo da Biologia – a essas baleias. A referência a nome científico aparece apenas uma vez em uma nota do tradutor ao pé da página. Mesmo o conceito de baleia apresentado no capítulo não é completo, nem para a época. Mas se presta para o objetivo do livro. O narrador escreve:

Continuando, como poderemos definir a baleia, por sua manifesta aparência, de modo tão evidente que fique rotulada por todos os tempos? Para ser breve, a baleia é um peixe

que **esguicha e tem cauda horizontal**. Aí está. Embora sintética, essa definição é fruto de amplas **meditações**^{xvii}.

Tais classificações foram sendo atualizadas com o tempo, pois definitivamente, baleia não é peixe, é um mamífero aquático. No entanto, parece que o ponto focal aqui, não é a discussão acerca da natureza das baleias - peixe ou mamífero. É o fato de a descrição acerca do “esguichar” da baleia e a referência a sua cauda horizontal ser usada em capítulos anteriores do romance pelos marinheiros no Pequod como forma de estabelecer um padrão na identificação de Moby Dick. Assim, é importante notar que o narrador, quando define e conceitua, conceitua e define levando em conta que esse conceito servirá, posteriormente, como recurso para o estabelecimento da própria história. Pois o foco é a narração. Além disso, ele mesmo comenta que essas definições sintéticas são fruto, não de pesquisa exaustiva, tal como faria um biólogo que redige um compêndio científico, mas são frutos de meditação e de vivência.

É importante ressaltar que essas informações e explicações acerca do texto não são feitas para desqualificá-lo, e sim para tentar demonstrar que, embora existam semelhanças, também existem claras diferenças entre o texto científico, pontual e sistemático da ciência, e o texto literário. E que, embora o capítulo 32 apresente nuances do cientificismo do século XIX, ainda é um texto literário. Em função disso, ele pode ser utilizado como veículo, para tentar estabelecer uma espécie de trânsito entre Literatura e Biologia, e apesar das prováveis atualizações, em termos de ciência, que se possa e deva fazer, essas, de fato, competem ao profissional da biologia.

O século XIX foi rico, não apenas em termos de arte e literatura, mas também em termos de desenvolvimento filosófico e científico. No contexto norte-americano, no qual o romance foi escrito, observa-se nessa época um grande desenvolvimento urbano e portuário, especialmente nas cidades da costa leste. Essas influências externas tornaram-se fundamentais para o estabelecimento do relato realista de Ismael, o que permite que um texto como **Moby Dick** seja pensado em termos de ensino transdisciplinar. Naturalmente, para que esse trânsito entre uma área e outra ocorra é

necessário que ambos os professores, e Literatura e de Biologia, usem o mesmo objeto – o texto literário – com um enfoque diferente, adequando-os a suas respectivas áreas. De acordo com o que Georges Lerbet afirma :

pode-se estabelecer uma relação entre saberes contentando-se em apreender um mesmo objeto de diversos pontos de vista, para fazer com que o aluno se dê conta concretamente **da quantidade de olhares possíveis que se pode dirigir a um objeto**, mas pode também apreendê-lo de maneira extremamente abstrata, olhando a partir do nível mais externo, que faz com que as diferentes ciências que apreendem esse objeto possam juntar-se ou desconjuntar-se^{xviii}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se hoje que o ensino de Literatura tem sido relegado a um plano secundário. O seu papel de veículo de transmissão de valores e de conhecimento acerca de seu objeto, ou seja, a representação do homem e do seu imaginário parece, em certos contextos, incluindo o acadêmico, estar sendo esquecida.

Dessa forma, o que se quer demonstrar com esse trabalho é a necessidade de interligar saberes distintos através do texto literário. O uso da Literatura é apropriado, ou se faz necessário, pois o objeto da Literatura é, e sempre foi, o homem, as ações do homem. Assim, dentre todas as diferentes manifestações humanas – arte ou ciência – é, de fato, a Literatura que atua de maneira profunda, e por isso é ela quem melhor pode servir como meio para um fim, ou seja, como um veículo que permite religar as mais diversas áreas de ensino. Ela pode ser um eixo para uma “nova” forma ou estrutura de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, Jerry. Preface. In: MELVILLE, Herman. **Moby Dick**. New York: Harper & Row, 1966.
- BRADLEY, Sculley. **The American Tradition in Literature**. New York: W.W. Norton, 1962.
- CHAVES, Flávio Loureiro. **História e Literatura**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1988.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: Arte, Conhecimento e Vida**. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000.
- LAWRENCE, D.H. Herman's Melville *Moby Dick*. In: STAFFORD, William. **The Voices of Prose**. New York: McGraw-Hill, 1966.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. São Paulo: Ática, 2002.
- MELVILLE, Herman. **Moby Dick**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- MELVILLE, Herman. **Moby Dick**. New York: Harper & Row, 1966.
- MORIN, Edgar. **A Religação de Saberes**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- REUTER, Yves. **A Análise da Narrativa**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- JORNAL ZERO HORA, 24 de novembro de 2001.
- REVISTA ÉPOCA, 27 de novembro de 2000.
- <http://www.baleias.no.sapo.pt/balcach.html>
- <http://www.melville.org/melville.html>

NOTAS

² Trabalho realizado sob orientação da Prof^a Dr. Sílvia Carneiro Lobato Paraense, apresentado na reunião regional da SBPC-2004, e elaborado pela aluna Mirna Leisi Coelho Lopes do Curso de Letras/Português/Inglês da UFSM, membro do projeto Gabinete de Leitura/ Laboratório CORPUS – GRPESQ Discurso, História, Gênero e identidade.

* “Eu sou o mestre do meu destino. Eu sou o capitão de minha alma!” (trad. de Péricles Eugênio de Silva Ramos).

¹ De acordo com Morin, este é o pensamento que recorta, isola, permite que especialistas e *experts* tenham ótimo desempenho em seus compartimentos, e cooperem eficazmente nos setores não complexos de conhecimento, notadamente os que concernem ao funcionamento das máquinas artificiais. A lógica a que eles obedecem estende à sociedade e às relações humanas os constrangimentos e os mecanismos inumanos da máquina artificial e sua visão determinista, mecanicista, quantitativa, formalista que ignora, oculta ou dilui tudo que é subjetivo, afetivo, livre e criador. (2002:15)

ⁱⁱ COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: Arte, Conhecimento e Vida**. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000. p.28.

ⁱⁱⁱ MELVILLE, Herman. **Moby Dick**. São Paulo: Nova Cultural, 2002

^{iv} REVISTA ÉPOCA, 27 de novembro de 2000.

^v Todas as citações de obra estão em MELVILLE, Herman. **Moby Dick**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

^{vi} CHAVES, Flávio Loureiro. **História e Literatura**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1988. p. 96.

^{vii} MELVILLE, op. cit., p. 177.

^{viii} Idem, p. 184.

^{ix} REUTER, Yves. **A Análise da Narrativa**. Rio de Janeiro: Difel, 2002. p.64.

^x Idem, p. 67.

^{xi} MELVILLE, op. cit., p.138.

^{xii} Idem, p.139.

^{xiii} Idem. p. 141.

^{xiv} Atualmente já se sabe que o maior cetáceo é a Baleia Azul, que supera em muito o cachalote.

^{xvii} MELVILLE, op. cit., p. 140.

^{xviii} MORIN, Edgar. **A Religação de Saberes**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p.529.